

Na consulta com um médico, o encontro com a morte

Aos 76, 40 e 17 anos de idade, três histórias de pacientes que o SUS, em vez de curar, só prejudicou

Daniela Matta, Leticia Lins e
Luiz Augusto Michelazzo

• RIO, RECIFE E SÃO PAULO. Cinco meses foi tempo suficiente para a aposentada Maria de Lourdes Almeida, de 76 anos, se recuperar. A mesma Maria Lourdes que, durante três anos, fora tratada na Clínica Santa Genoveva, no Rio, como se não tivesse nenhuma chance de melhora. Em 13 de junho, quando foi transferida para o Hospital estadual Pedro II, ela mal conseguia andar: uma ferida na sua perna direita não cicatriza-va e lhe causava dor. Só vestia roupa velha e escondia o cabelo grisalho num lenço encardido. Quarta-feira passada, a senhora que usava uma blusa estampada lembrava muito pouco a Maria de Lourdes de cinco meses atrás. Seis quilos mais gorda, com o machucado curado e a visão do olho direito recuperada, ela está feliz vivendo com a família.

— Na clínica minha mãe vivia com o espírito triste, abatida. Eu não tinha mais nem vontade de ir visitá-la porque me dava uma tristeza enorme vê-la daquele jeito — diz a filha, Eunice.

Descaso e maus-tratos com recursos públicos

A história de Maria de Lourdes não é única. Como ela, a maioria dos pacientes que estava internada na Santa Genoveva se recuperou, mas só nas instituições para onde foram transferidos. Dos 22 internos levados para o Pedro II, oito foram parar em asilos, 11 receberam alta, dois morreram e apenas um precisava realmente estar internado.

O caso Maria de Lourdes ilustra os maus-tratos sofridos pelos idosos, e às custas de dinheiro público. A ferida na perna, que não foi curada nos quase três anos que Maria de Lourdes passou na Santa Genoveva, cicatrizou em menos de três meses. Segundo Eunice, a mãe, mesmo sendo diabética, não recebida insulina na Santa Genoveva.

— Nem o curativo eles trocavam. A minha mãe é que lavava as ataduras e gases para usá-las novamente — conta Eunice.

As mortes e os casos de maus-tratos da Clínica Santa Genoveva, em Santa Teresa, começaram a ser revelados em 30 de maio pelo GLOBO. A notícia de que 99 ido-



A VIÚVA FÁTIMA de Oliveira (com a filha Lurdes): marido perdido entre sessões de hemodiálise e seguidas internações

'Na Clínica Santa Genoveva minha mãe vivia com o espírito triste, abatida. Eu não tinha mais nem vontade de ir visitá-la porque me dava uma tristeza enorme vê-la daquele jeito'

EUNICE ALMEIDA

Filha de uma ex-paciente da Santa Genoveva

dos morreram na clínica em pouco mais de dois meses mobilizou políticos, a polícia e os Governos federal, estadual e municipal. Indignou até mesmo o presidente Fernando Henrique Cardoso, que afirmou que faltava vergonha àqueles que usavam mal os recursos do Governo federal. O ex-ministro da Saúde Adib Jatene decidiu, diante das denúncias, fazer uma devassa nas instituições conveniadas ao SUS. Um inquérito foi aberto no mesmo dia contra os seis responsáveis pela clínica. Os exames feitos nas semanas seguintes revelaram contaminação de alimentos e da água bebida pelos internos. Os legistas

identificaram nos cadáveres sinais de desnutrição e desidratação. O Governo federal decidiu fechar a clínica e transferir seus internos para outras instituições. Outro inquérito foi aberto para analisar as responsabilidades dos médicos e enfermeiros que trabalhavam na clínica. Os seis indiciados chegaram a ser presos e hoje aguardam em liberdade o julgamento, que deverá ocorrer em janeiro.

O dia 13 — só que de abril — também foi marcante para o electricista Domingos de Oliveira, de 40 anos, que teve uma crise de choro no enterro do vizinho Severino Cirilo, de 50, no cemitério de

Bezerros (PE). Severino foi vítima da hepatite tóxica contraída nas águas contaminadas do Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru. Como também fazia hemodiálise no IDR, Domingos fez uma previsão assustadora para a mulher, Fátima: "A próxima vítima vai ser eu". Não foi a próxima nem a última. Apenas mais uma das 60 que sucumbiram diante do descaso. Domingos morreu 29 dias depois e, segundo sua família, vítima não só da hepatite tóxica, mas também de descuidos ou erros médicos ao ser atendido na capital pernambucana.

— A barriga dele estava muito inchada, ele se sentia muito mal, e terminamos o levando para Recife — relembra Fátima.

Na capital, o electricista passou pela UTI do Hospital Barão de Lucena, fez hemodiálises no Hospital das Clínicas e terminou no Hospital Geral de Urgência. A revolta maior da família se deu ao ler no atestado de óbito "enfarte" como a causa da morte.

— A mentira era tão absurda que, depois da autópsia, os médi-

cos do IML rasgaram o atestado do óbito do hospital e deram outro, mostrando que ele morreu por conta da hepatite contraída na hemodiálise — acusa Célia, irmã de Domingos.

As famílias das vítimas da hemodiálise em Caruaru vivem uma mesma mistura de dor, revolta e empobrecimento. Elas lutam por uma indenização na Justiça, mas a previsão é que a tramitação demore seis anos. A hepatite tóxica dos doentes renais se espalhou devido à presença de uma microalga na água usada no IDR. A clínica nunca examinara a qualidade da água, o que, segundo o Ministério da Saúde, deveria ser feito trimestralmente.

Show de horrores na principal maternidade de Roraima

O Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista (RR), é outra das mil faces do horror da saúde pública. Em seu berçário, a morte de 35 bebês por infecção hospitalar apenas em outubro mostrou um quadro dantesco, com relatos de falta de higiene, de cuidados com o lixo, de profissionais especializados e de condições básicas de infra-estrutura como energia elétrica e rede de esgoto.

O drama de Fabiana Carla Vitalino, de 17 anos, mãe do bebê Gabriel, morto de infecção hospitalar em 5 de outubro, começou cinco dias antes, quando ela, grávida de sete meses e sentindo contrações, procurou o Nossa Senhora de Nazaré. No hospital deram-lhe algumas gotas de Buscopan e a mandaram de volta para casa. Como as contrações não cessaram, Fabiana voltou ao hospital, onde só a atenderam depois que ela revelou que já estava com quatro centímetros de dilatação. Levada para a unidade de pré-parto, Fabiana acabou tendo o filho sozinha no banheiro, onde amparou-o com as próprias mãos para que o bebê não caísse dentro do vaso sanitário.

O promotor de Justiça Edson Dama confirma a mistura de bebês doentes com outros são e a colocação de até três recém-nascidos numa mesma incubadora.

— Os pais reclamam da falta de higiene do hospital, do descaso no atendimento e até de insetos passeando sobre berços e incubadoras — afirma ele. ■

Josenildo Tenório